NO CAMINHO de volta para casa, depois do dia de piscina na minha escola, eu vejo uma filhote de panda andando desengonçada. Isso eu realmente não esperava, então paro no meio da calçada, na esquina. Ela carrega uma mochila azul que é tão grande quanto, ou talvez maior, que o próprio corpo. Meio surreal vê-la marchando sob o sol incrivelmente forte. Na esperança de que fosse a Yachi, corro atrás da panda e olho para o rosto dela.

“O quê?”

Cruzo o olhar com uma garota bem mais baixa que a Yachi. Um brilho branco e puro girava nos olhos dela como nuvens.

“O. Que. Você. Quer?”

“Tô tendo um déjà vu…”

Acho que encontrei exatamente essa mesma garota, exatamente do mesmo jeito, no ano passado. Será que naquela vez ela também estava vestida de panda? Pelo que me lembro, confundi ela com a Yachi e chamei. Não faço ideia de por que pensei que reconheci ela de costas, mas, olhando melhor, ela transmite a mesma sensação que a Yachi, mesmo que os rostos não tenham nada a ver.

O cabelo e os cílios prateados dela brilhavam a ponto de me ofuscar. Os olhos eram azul-claros, mais claros que o roxo da Yachi. Quase como se cada um fosse uma imagem da Terra vista do espaço.

“Hm? Você me conhece?”

“Não exatamente. Só percebi que já te vi antes.”

“Entendi.”

Com essa resposta brusca, ela age como se a conversa tivesse acabado e volta a andar. Para alguém tão pequena, fala com uma língua afiada como a de um adulto — mas, vista de trás, parece que nem chegou ainda ao ensino fundamental. Fico observando ela caminhar desengonçada por um instante, depois corro para alcançá-la.

“Hm?”

“Não dá pra deixar uma criança andando sozinha por aí, sabe,” explico com um ar convencido, erguendo o dedo indicador no ar.

“Criança…?” A panda inclina a cabeça por um momento e depois dá de ombros. “Tanto faz.”

Debaixo do capuz de panda, há um cabelo branco e cintilante, tão delicado que parece frágil ao toque, e eu não consigo tirar os olhos dele. É quase gelado, como se estivesse banhado pela luz direta da lua. Mas as bochechas macias pareciam que poderiam esticar por quilômetros.

“Essa mochila aí é bem grande.”

“Quando eu disse que ia sair, me fizeram levar umas coisas.” A panda ri baixinho, como se estivesse de bom humor.

“Onde estão sua mãe e seu pai? Você tá perdida?”

“Dessa vez eu não tô perdida.”

Respondendo apenas à minha segunda pergunta, ela aponta na direção de um cruzamento. Seguindo reto dali, chegamos a um parque público, que ela atravessa para ir até o local ao lado. E esse local ao lado… é um pequeno cemitério.

Nos fundos, há um campo com uma vista ampla, e eu consigo contar o número de túmulos nos dedos da mão. Mas, como nunca passei muito tempo num cemitério antes, acabo me sentindo um pouco deslocada. Então a panda caminha até o maior túmulo do local e para diante dele. Não consigo ler a maior parte do que está gravado na lápide.

“De quem é esse túmulo?”

Parada ali na frente, não tenho certeza de como perguntar. É de um amigo ou parente? De um avô ou avó? Várias ideias me vêm à mente, mas algo me diz que preciso ter cuidado.

“Se quer saber, sei tanto quanto você.”

“O quê?”

“Mas eu fiz uma promessa, sabe.” A panda tira da mochila um pote alto e fino. Está cheio de balas de *kompeito*. “E parece que cumprir promessas é o nosso passatempo favorito.” Colocando o pote diante da lápide, ela encara o túmulo com firmeza.

“O que você quer dizer com isso?”

“Um passatempo é algo que você faz sem nenhum benefício, não é?” pergunta ela num tom seco, colocando a mochila de volta nos ombros. “Pronto, chega. Vou comer.” Com um sorriso travesso, ela pega o pote que tinha acabado de oferecer como oferenda. “Estenda as mãos e eu te dou metade.”

“Tem certeza?”

“É assim que elas devem ser comidas.” Então ela solta uma risada maléfica que não combina em nada com a voz dela.

Pontinhos roxos, azuis e brancos caem do pote nas minhas mãos estendidas. Consigo sentir as saliências firmes pressionando minha pele. Mas é melhor comer logo antes que derretam e deixem minhas mãos todas grudadas.

Enquanto isso, a panda despeja o resto do pote inteiro na própria boca. Então, em vez de comer um por um, decido jogar todos de uma vez também. Ficamos ali, diante do túmulo, com as bochechas cheias de doce. Ela mantém o sorriso sem deixar nada cair, e um riso começa a crescer em mim.

“Quer ir lá pra minha casa?” ofereço assim que terminamos a visita (?) ao túmulo. “Eu conheço alguém com quem você se daria super bem.” Sim, ela e a Yachi com certeza seriam amigas super brilhantes.

“Hmm.” O olhar dela vagueia por um instante. “Infelizmente, preciso voltar pra casa antes do jantar.”

“Poxa.” Pelo visto, a panda tem um lar para voltar — e não estou falando de uma floresta de bambu.

“…Hrmmm?”

Nesse momento, ela se inclina de repente na direção da minha mão, olhando para o fio azul-claro ainda amarrado no meu dedo. Mesmo depois de todo esse tempo, a borboleta continua a brilhar e bater as asas.

“O que foi?”

“Ah, só achei a cor familiar.”

“Azul…? Espera, isso quer dizer que você conhece a Ya—”

“Até. Mais!” Sem me deixar terminar, ela sai trotando rua abaixo na maior velocidade.

“Isso ela e a Yachi têm em comum também…” Ela não parece estar correndo com tanta força, mas, de algum jeito, sei que não vou conseguir alcançá-la.

Será que vou vê-la de novo no ano que vem? Talvez o verão seja a estação dos encontros.

Viro as costas para o cemitério e começo a ir para casa. Meu passo acelera com a vontade de contar tudo para a Yachi.

“Beeem viiiinda!”

“Uau, ela acertou…”

Quando abro a porta de casa, sou recebida por um golfinho montado nos ombros da minha mãe. De uma coisa eu tenho certeza: posso contar com uma vida doméstica estranha o ano inteiro.